

Ensinar, investigar, intervir

- O caso dos Laboratórios de Intervenção em Arquitetura *in situ*/

João Quintela

CEACT/UAL, Lisboa, Portugal

Email: joaopedroquintela@gmail.com

Filipa Ramalhete

CEACT/UAL e CICS.Nova, Lisboa, Portugal

Email: P framalhete@autonoma.pt

Resumo

Os Laboratórios de Intervenção em Arquitetura *in situ*/ realizam-se desde 2012, tendo sido realizadas já oito edições. São uma iniciativa do CEACTION/UAL – Centro de Estudos de Arquitetura Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa. Têm como objetivo aproximar a formação académica à realidade da obra construída e potenciar a relação entre todos os parceiros, num trabalho de estreita colaboração. Neste ensaio visual é apresentada a edição de 2015, com uma reflexão orientada para o papel deste tipo de intervenção como metodologia de investigação-ação, onde ensino, investigação e intervenção se entrecruzam.

Palavras Chave

Arquitetura, *in situ*/, Almada, Quinta dos Inglesinhos, ensino de arquitetura

Abstract

The Laboratories of Intervention in Architecture *in situ*/ have been held since 2012, with eight editions already carried out. *In situ*/ is a CEACTION/UAL – Centro de Estudos de Arquitetura Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa initiative, which aims to bring academic training closer to the reality and to promote a close collaboration relationship between all partners involved in the process. This visual essay presents the 2015 edition, with an analysis oriented to the role of this type of interventions as a research/action methodologies, where teaching, research and intervention are strongly connected.

1. Ensinar, investigar, intervir: pressupostos

Os Laboratórios de Intervenção em Arquitetura *in situ*/ têm como objetivo o desenvolvimento de metodologias de projetos de construção que contribuam para a resolução de problemas territoriais identificados pelas várias comunidades em conjunto com os investigadores, utilizando uma metodologia assente numa lógica de ensino experimental. Demarcando-se dos pressupostos associados às metodologias de processos participativos (Águas, 2012; Aguilera, 2004; Remesar, 2003; Borja,

J.; Muxí, Z., 2003), os laboratórios assumem uma temporalidade curta (duas semanas, dedicadas a projeto e construção) e posicionam-se conceptualmente sobretudo na assunção da criação de comunidades de prática, tal como elas são definidas por Wenger-Trayner: “Communities of practice are formed by people who engage in a process of collective learning in a shared domain of human endeavour: a tribe learning to survive, a band of artists seeking new forms of expression, a group of engineers working on similar problems, a clique of pupils defining their identity in the school, a network

of surgeons exploring novel techniques, a gathering of first-time managers helping each other cope.” (Wenger-Trayner, 2015).¹ É neste contexto que o *in situ*/ desenvolveu uma metodologia assente na interação estreita entre a estrutura organizativa do CEACTION/UAL, os tutores convidados em cada edição, as diversas populações envolvidas e os alunos e participantes. Em cada edição, há uma comunidade que se constrói em torno de um território específico, com necessidades próprias, para trabalhar para um objetivo comum.

2. Desenho, construção e ensino

Os laboratórios *in situ*/ são, um projeto, essencialmente, de investigação/ação, não fazendo parte da componente curricular do curso de Arquitetura (não obstante, pontualmente, terem sido integrados em disciplinas de Seminário)². Contudo, a componente de ensino é fundamental, na medida em que são espaços de desenho e de construção das propostas elaboradas e, para os alunos de arquitetura que participam nos laboratórios, essa é uma componente que está ausente dos currículos académicos. No entanto, esta aprendizagem não se cinge aos alunos e estende-se a toda a comunidade de cada *in situ*/, que colabora num processo criativo, onde há muitos momentos de mediação das várias visões e de aprendizagem colaborativa.

Em termos de estrutura de organização, a equipa que organiza os laboratórios (composta por dois arquitetos e uma antropóloga) inicia os contactos com todos os parceiros envolvidos (câmara municipal, junta de freguesia, associações locais, empresas, e residentes) com alguns meses de antecedência, de forma a construir uma rede colaborativa e analisar o território e as suas especificidades. Dada a diversidade de espaços onde foram feitas intervenções (bairros de génese ilegal, espaços públicos em áreas industriais devolutas, antigo presídio), todas elas no concelho de Almada, os temas trabalhados e os problemas levantados são de génese muito distinta. No entanto, todas as edições (oito, entre 2012 e 2018) têm

em comum a metodologia de abordagem, estruturadas em três etapas: 1) estabelecimento de contactos e preparação dos trabalhos (seis a nove a meses antes), convite de arquitetos tutores com reconhecida prática de projeto e construção e aproximação dos mesmos ao território. Estes são selecionados pela sua prática arquitetónica, não só do ponto de vista do desenho, mas também da prática construtiva; 2) investigação sobre o tema, preparação dos trabalhos, do ponto de vista da disponibilidade de materiais e da gestão de recursos; 3) realização dos trabalhos, centrada na investigação, relação com a comunidade, desenho e construção. Os trabalhos de projeto e construção são desenvolvidos por alunos maioritariamente de arquitetura, de todos os anos do curso, mas contam sempre com a participação de outros agentes locais.

3. Contexto da ação de intervenção: Quinta dos inglesinhos (Almada)

A edição de 2015 realizou-se na Quinta dos Inglesinhos, em Almada. Esta quinta, cuja génese remonta ao século XVII (sendo o edifício do século XVIII), é uma das quintas do património de génese rural deste concelho. Pertencia ao Seminário dos Inglesinhos, em Lisboa, constituindo um espaço produção agrícola (sobretudo vinha) e de lazer e veraneio dos padres ingleses que para ali residiam. A quinta foi, na década de 1970, oferecida à Associação Portuguesa dos Pais e Amigos do Cidadão com Deficiência Mental (APPACDM) de Lisboa. O espaço alberga um lar para residentes permanentes e um centro de formação.

Como premissas para a edição de 2015, com tutoria de duas equipas (João Quintela+Tim Simon e Victor Beiramar Diniz+José Castro Caldas) existiu a parceria com a APPACDM, mas também com a Câmara Municipal de Almada, que disponibilizava um conjunto de materiais existentes no estaleiro local, com uma empresa de cal tradicional (Fradical) e com uma associação local, o Centro de Arqueologia de Almada. O trabalho com a equipa coordenadora da Quinta dos Inglesinhos, que, enquanto cliente, tinha a necessidade de criar uma área coberta no pátio de modo a cumprir exigências de certificação começou alguns meses antes. Cada equipa

1 - Para mais informação e textos dos autores, ver <http://wenger-trayner.com/introduction-to-communities-of-practice/>

2 - Para mais informação sobre outras edições, poderá ser consultado o site do projeto: <http://insitu.autonoma.pt/>

de tutores trabalhou áreas distintas da quinta: a equipa Victor Beiramar Diniz+José Castro Caldas desenvolveu e construiu uma proposta para uma zona não impermeabilizada, que incluí o restauro do poço de uma nora e o melhoramento e tratamento de um pátio exterior, de acesso à área que ainda hoje é cultivada; a equipa João Quintela+Tim Simon (cujo trabalho é alvo deste ensaio visual) trabalhou no pátio principal de entrada do edifício. Era necessário que determinados espaços exteriores estivessem relacionados com o edifício principal da Quinta dos Inglesinhos, um edificado de valor histórico. O projeto reflete um trabalho coletivo capaz de condensar em apenas duas semanas um processo que geralmente se estende por vários meses.

4. Proposta

A abordagem da equipa João Quintela+Tim Simon surgiu através de uma aproximação gradual do grupo de trabalho ao local, metodologicamente orientada assente no levantamento e observação do espaço da quinta: levantamento rigoroso do edificado existente; registo das rotinas e usos do espaço por parte das pessoas; identificação dos pontos de conexão exigidos. Foram depois elaboradas maquetes de estudo, a grande e pequena escala e modelos à escala real. Este trabalho foi acompanhado por conversas regulares com a Direção da Quinta dos Inglesinhos e com o engenheiro de estruturas, com uma preocupação construtiva, mas também com o intuito pedagógico de envolver os alunos em todas as questões relativas à execução material do projeto desenhado e existente em maquete.

O trabalho resultou numa estratégia de desenho com vista à intervenção através de dois tipos de operações: intervenções cirúrgicas sobre o edificado existente (demolições, rampas de acessibilidade, novos acessos, mobiliário, etc.), e a introdução de uma nova estrutura espacial de modo a cobrir as áreas exigidas e definir novos percursos.

Esta estrutura de aço, pintado a negro, surge através da sobreposição de uma nova grelha estrutural criada a partir das relações com a composição e estrutura do edificado existente. Trata-se da primeira intervenção pensada de raiz para este espaço, que antes era apenas o resultado

de várias adaptações realizadas ao longo do tempo. Deste modo a intervenção cria uma sala hipostila a céu aberto que enfatiza a tendência longitudinal do pátio com um eixo central, que ironicamente coloca o modernismo no altar ao “sacralizar” o corpo de escadas e elevador adossado ao edifício principal.

A estrutura construída é constituída por um conjunto de oito pilares compostos e dois pilares simples que estabilizam um sistema de cabos de aço em tensão. Por este motivo, a forma espacial segue a lógica estrutural e os pilares são forçados a trabalhar no sentido inverso à habitual descarga de forças, revelam um diagrama de forças simples e em equilíbrio. Os pilares compostos são criados a partir da união de três tubos de aço com igual diâmetro, o que garante a resistência mecânica do conjunto e atribui maior expressividade devido às superfícies curvas e às sombras criadas. Um desses três elementos desvia-se do corpo central quando a sua função estrutural já não é necessária e ganha, por isso, uma condição simbólica e ornamental para as datas especiais ou eventos comemorativos que geralmente são levados a cabo neste pátio ao longo do ano. Sobre esta estrutura de carácter permanente é aplicado um elemento têxtil branco, gerador de sombra, que facilmente pode ser substituído por soluções que apresentem graus de transparência, resistência à chuva, ou coloração distintas.

5. Conclusão

A intervenção assentou na lógica da promoção de uma comunidade de prática, na medida em que, como enunciado acima, foi um processo coletivo, em que foram partilhados níveis de conhecimento diversos (entre alunos, tutores, um engenheiro, membros da Direção da Quinta, uma equipa de operacionais soldadores da Câmara Municipal de Almada e um operacional funcionário da Quinta), permitindo aprendizagens mútuas e troca de saberes, não só ao nível das técnicas e materiais, mas também ao nível da mediação processual inerente à procura de resultados que respondam às necessidades existentes, mas também às limitações (materiais, temporais, financeiras) existentes. A intervenção final, mais do que um produto académico, resultou num espaço com uma nova identidade, para a qual contribuíram todos os atores envolvidos.

Apesar do caráter experimental de um laboratório, o projeto permitiu construir uma solução permanente capaz de resolver a condicionante legal exigida, introduzir melhorias significativas no edificado existente e ainda potenciar a sua apropriação de maneira informal na medida em que não se cingiu unicamente à resolução de um problema funcional necessário mas sim a uma intervenção unitária que demonstra uma reflexão global sobre o pátio exterior e a sua condição enquanto espaço de convívio mais do que uma simples zona de transição. Nesse sentido, as novas zonas de acesso e a introdução do mobiliário exterior, associados à atmosfera criada pela presença dos elementos têxteis, promove novas formas de utilização do espaço e intensifica a relação interior-exterior.

A nível pedagógico a experiência confirmou que estes laboratórios permitem aos alunos explorar aspetos que se encontram fora dos programas universitários em arquitectura, sendo benéficos para a sua formação académica tanto a nível da metodologia a adotar num projeto real, que tem origem no diálogo com as várias entidades e nos constrangimentos funcionais, económicos e culturais específicos, como a nível técnico, uma vez que a solução de desenho não se resume a uma concretização teórica mas sim à sua aplicabilidade efetiva, onde é possível verificar questões como a eficácia da solução desenvolvida, as implicações construtivas da sua execução e a experiência física à escala real de um espaço projetado, algo que não acontece no âmbito das cadeiras de projeto.

Torna-se evidente que a relação entre esta metodologia de ensino, que amplia o alcance da formação académica dentro do curso, propõe também uma nova abordagem à investigação em arquitetura, com trabalho de campo realizado através da análise do contexto específico, da criação de hipóteses de intervenção, e da ação direta no território para uma verificação real que ultrapassa a esfera disciplinar e se estende a toda a comunidade.

©Imagens João Quintela

Referências

Águas, Sofia. 2012. Do Design ao Co-Design: uma oportunidade de design participativo na transformação do espaço público, *On the W@terfront* 22, 57-70.

Aguilera, Fernando G. 2004. Arte, Ciudadanía y Espacio Público. *On the W@terfront* 5, 36-51.

Borja, J., Muxí, Z. 2003. El espacio público. Ciudad y ciudadanía, Diputación de Barcelona. Barcelona.

Gato, Maria Assunção; Ramalhete, Filipa; Vicente, Sérgio. 2013. “Hoje somos nós os escultores!” Agencialidade e arte pública participada em Almada, *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 2, N.º1.

Guérin, Francis. 2004. Le concept de communauté : une illustration exemplaire de la production des concepts en sciences sociales ?, 13ème Conférence de l’AIMS, Vallée de Seine 2, 3 et 4 juin 2004, Normandie.

Ramalhete, Filipa; Silva, Francisco. 2016. Reabilitação colaborativa: a experiência do Laboratório de Intervenção em Arquitetura INSITU’15. Atas do Congresso Ibero-Americano “Património, suas matérias e imatérias”, LNEC, 2/3 de novembro de 2016, Lisboa.

Ramalhete, Filipa; Silva, Sérgio. 2014. Intervenções arquitetónicas em espaços informais. In *estudoprevio* 5/6, CEACT/UAL - Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa [Disponível em: www.estudoprevio.net].

Remesar, Antoni., Tomeu Vidal. 2003. Metodologias Creativas Para la Participación - documento de trabajo (doctorado Espacio público y Espacio Urbano: arte y sociedad), Universidad de Barcelona, Barcelona.

Wenger-Trayner, Etienne and Beverly. 2015. Introduction to communities of practice A brief overview of the concept and its uses. Disponível em <http://wenger-trayner.com/introduction-tocommunities-of-practice/> [Consultado em julho 2017].











